

## ENTRE O REALISMO E O NATURALISMO: A CRÍTICA DE MACHADO DE ASSIS<sup>1</sup>

**Aline de Almeida**  
*UC Santa Barbara*

Nesta apresentação, quero comentar sobre a notável atuação de Machado de Assis (1839-1908) como crítico literário durante o segundo oitocentos, um aspecto por vezes eclipsado por sua carreira como ficcionista. Conhecido especialmente por seus romances, entre os quais se destaca *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), e contos, a contribuição de Machado como crítico literário é igualmente relevante. Junto com Silvio Romero (1851-1914) e José Veríssimo (1857-1916), Machado de Assis compunha a linha de frente da crítica literária brasileira. Essa interação entre críticos, por vezes conflitante, contribuiu para o debate intelectual da época e para o desenvolvimento da literatura brasileira. Nesse sentido, considero importante nesta apresentação ressaltar e comentar o crítico literário Machado de Assis que analisou, interpretou e influenciou o desenvolvimento das correntes literárias de sua época, dentre os quais o realismo e o naturalismo.

A crítica literária acompanhou o escritor ao longo de toda sua carreira, desde seus primeiros escritos até as contribuições da sua maturidade. Machado estreia na imprensa periódica justamente pela crítica, quando não tinha ainda nem vinte anos de idade, na revista *A Marmota*, de Paula Brito (1809-1861), outro importante homem de letras da época e primeiro editor de Machado. Na revista *O*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Conferência “Um Machado de Assis para o Século XXI”, organizada pelo Center for Portuguese Studies da UC Santa Barbara, em Santa Bárbara, nos Estados Unidos, dias 30 e 31 de outubro de 2023.

*Futuro*, editada por Faustino Xavier de Novaes (1820-1869), cunhado de Machado, o jovem crítico, em 1862, já revelava aspectos que seriam marcantes para a sua produção literária futura. Machado foi crítico de grandes obras da nossa literatura, como *A Moreninha* (1844), de Joaquim Manoel de Macedo (1820-1882), e *Tracema* (1865), de José de Alencar (1829-1877). Com este, dialogou por correspondência a respeito do jovem Castro Alves (1847-1871), recém-chegado ao Rio de Janeiro em 1868. Entre os títulos emblemáticos de sua produção crítica estão “O passado, o presente e o futuro da literatura” (*A Marmota*, Rio de Janeiro, 09 e 23/04/1858), “A reforma pelo jornal” (*O Espelho*, Rio de Janeiro, 23/10/1859), “O jornal e o livro” (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 e 12/01/1859), “O ideal do crítico” (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 08/10/1865), “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade” (*O Novo Mundo*, Nova Iorque, 04/03/1873), “A nova geração” (*Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, vol. II, dezembro de 1879) e muitos outros.

Enquanto crítico literário, a produção de Machado foi a que primeiro sinalizou a importância de se estabelecer na nossa literatura os traços de nossa nacionalidade. Na opinião de José de Alencar, em carta de 1868 ao próprio Machado, afirma que o destinatário "foi o único de nossos modernos escritores, que se dedicou sinceramente à cultura dessa difícil ciência que se chama crítica", dando a Machado a alcunha de "o primeiro crítico brasileiro" (Alencar, 1921).

O crítico literário se integra de forma fundamental no projeto literário do ficcionista. Machado defendia a crítica literária como uma análise profunda das obras, fossem elas de que escola fossem, e seu papel na promoção da verdade estética. Ele influenciou não apenas como a literatura deveria ser, mas também quais aspectos deveriam ser considerados pela crítica literária. A atuação de Machado como crítico literário, desde suas primeiras incursões na imprensa, foi um fator potencializador para o desenvolvimento de sua própria técnica literária.

Machado dedicava-se ao aprimoramento de sua profissão, escrevendo diariamente. Pedro Paulo Montenegro comenta que tal dedicação à escrita era para que pudesse “atingir a expressão

perfeita” (2010, p. 69). Ainda de acordo com Montenegro, Machado praticava a crítica "enquanto tribuna estética e enquanto análise e julgamento das obras literárias” (p. 69). Em relação à crítica de Machado ao romance *O primo Basílio* (1878), uma das polêmicas mais revisitadas pelos estudos oitocentistas, Montenegro afirma que Machado julga “com razão” a falta de “vida própria” dos personagens de Eça de Queirós (1845-1900), que atuavam “como simples bonecos de uma intriga mecanicamente concebida” (p. 70). O artigo, intitulado “Eça de Queirós: O Primo Basílio” (*O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 16 e 30/04/1878), serve ainda hoje como principal fundamento para aqueles que defendem que Machado tinha uma posição definitivamente avessa ao naturalismo. Mas a verdade é que ele não desprezava nem os movimentos literários passados, tampouco teria aderido totalmente aos novos modelos de sua época. Em vez disso, sua produção literária e crítica demonstram uma ideia de continuidade e amadurecimento, e não de ruptura.

A prosa de Machado de Assis, tanto em suas obras ficcionais como em suas críticas literárias, é notável não pela sua filiação (ou não filiação) a estilos de época, mas por sua complexidade e sofisticação. Sua escrita refletia a ambiguidade da experiência humana. Através de sua escrita, ele explorava temas como a natureza humana, as contradições da sociedade e a psicologia de seus personagens. Acima de tudo, Machado condenava os excessos, não importando a escola literária a que as obras que criticava estariam filiadas. Ainda que julgasse o romantismo como sendo uma estética esgotada, não sacrificaria a verdade estética, algo que observava em algumas manifestações naturalistas.

A atividade crítica, concomitantemente ao trabalho de ficcionista, foi o que configurou os pressupostos estéticos da obra machadiana. O projeto estético-literário de Machado de Assis estava orientado para uma compreensão literária que não se confinava a limites geográficos ou temporais específicos. Seria possível, talvez, perceber a escrita machadiana a partir de um processo antropófago. No *Diário do Rio de Janeiro*, em 1860, sobre a peça *Mãe*, de José de Alencar, Machado ponderava sobre o papel da crítica literária, numa atitude reflexiva sobre a sua própria conduta enquanto crítico,

declarando “tiro de cada coisa uma parte, e faço o meu ideal de arte, que abraço e defendo.”<sup>2</sup> Na opinião do crítico Machado de Assis, o juízo de valor que considera exclusivamente as escolas literárias não faz um bom serviço à literatura:

Mesmo nos terrenos das diferenças de escola: se as preferências do crítico são pela escola romântica, cumpre não condenar, só por isso, as obras-primas que a tradição clássica nos legou, nem as obras meditadas que a musa moderna inspira; do mesmo modo devem os clássicos fazer justiça às boas obras dos românticos e dos realistas, tão inteira justiça, como estes devem fazer às boas obras daqueles.<sup>3</sup>

A atuação de Machado de Assis enriqueceu o cenário intelectual e literário brasileiro. Ele foi, talvez, o mais bem-sucedido representante dos escritores oitocentistas que experimentaram a intensa relação entre literatura e jornalismo, ao que alguns críticos têm chamado “a civilização do jornal”. Aquele era um sistema midiático, como diz Lúcia Granja, que funcionava como “um universo textual dinâmico” (2018, p. 101). A autora usa a terminologia “escritor-jornalista” para designar esses escritores que conciliavam a escrita literária à atuação jornalística nas redações de jornais. Para Granja, Machado foi um dos casos mais importantes e significativos dessa categoria profissional do escritor-jornalista. O trabalho de Machado nas frentes ficcional e crítica da literatura sinalizava um avanço importante para a profissionalização do escritor. Machado certamente compreendia a importância da imprensa para a literatura de sua época. Em todas as suas formas, a escrita machadiana contribuiu para a formação de tendências literárias e serviu como modelo para escritores mais jovens. Sua obra influenciou na percepção de um etos que influencia a literatura brasileira até os nossos dias.

Um exemplo disto é o caso do pouco estudado Pedro Carlos da Silva Rabelo (1868-1905), um dos jovens escritores-jornalistas que participaram da fundação da Academia Brasileira de Letras. Pedro Rabelo pertencia ao seletivo núcleo de colaboradores da *Gazeta de Notícias*, que também contava com Olavo Bilac (1865-1918), Henrique Coelho Neto (1864-1934), Sebastião Guimarães Passos (1867-

---

<sup>2</sup> In Assis, Machado de. (29 de março de 1860). A crítica teatral. José de Alencar: Mãe. *Diário do Rio de Janeiro*.

<sup>3</sup> In Assis, Machado de. (08 de outubro de 1865). O ideal do crítico. *Diário do Rio de Janeiro*.

1909), para citar apenas alguns nomes. Não tendo deixado uma produção literária de impacto semelhante ao de seus pares, destaca-se na biografia de Rabelo o volume de contos *A alma albeia* (1895). Buscando compreender as causas para o quase esquecimento de Pedro Rabelo em nossas letras, Mendes e Dias apontam para as acusações de que Rabelo teria sido um imitador da escrita de Machado de Assis ao mesmo tempo em que tentava escrever literatura naturalista. Essa imitação, que é o aspecto mais comumente associado à obra de Rabelo, foi apontada já pela crítica coeva:

A parelha com Machado de Assis podia ser usada contra ou a favor de Pedro Rabelo. Para Valentim Magalhães, era uma glória: *A alma albeia*, escreveu, “não sofre com vir ao lado de *Várias histórias*, porque nela se ouve, se vê, se apalpa, um grande escritor de amanhã”. Artur Azevedo concordava que não se podia “fazer maior elogio ao ilustre moço” do que compará-lo a Machado de Assis. “Pudesse eu e assimilaria também o estilo do nosso grande prosador”, escreveu na prestigiosa coluna “Palestra”, em *O País*, deixando claro que ser capaz de imitar Machado de Assis já era prova de talento.<sup>4</sup>

Contrariando o pressuposto da originalidade, bastante caro aos escritores oitocentistas, a imitação era um defeito. Os autores do artigo apontam que José Veríssimo chamou de “decalque” e “paródia” a tentativa de Rabelo em imitar Machado. Já o articulista Magriço, no jornal *O País*, acusa Rabelo de “machadizar” seus escritos.

Ciente certamente do envolvimento de seu nome na recepção de *A alma albeia*, Machado comenta sobre o livro nas páginas da *Gazeta de Notícias*, declarando ver em Rabelo um escritor de futuro, cujos contos lera “com prazer e cheio de esperanças”.<sup>5</sup> De sua posição de escritor consagrado já naquela época, Machado parece querer atenuar o furor da crítica contra Rabelo, e pondera que “no verdor dos anos é natural não acertar logo com a feição própria e definitiva, bem como seguir a um e a outro, conforme as simpatias intelectuais e a impressão recente”.<sup>6</sup> Com base nessas fontes, Mendes e Dias consideram uma categoria do naturalismo brasileiro a que chamam “naturalismo machadizado”. Questionando se seria possível um autor naturalista “machadizar” seus escritos, Mendes e Dias

---

<sup>4</sup> Mendes; Dias 2017, p. 304-5.

<sup>5</sup> In Assis, Machado de. (27 de outubro de 1895). Coluna “A Semana”. *Gazeta de Notícias*.

<sup>6</sup> Ibid.

respondem que “O insuspeito José Verissimo achava que sim. Pedro Rabelo era a estranha criatura que unia Zola a Machado de Assis numa mesma concepção artística”.<sup>7</sup> O naturalismo de Rabelo, filtrado pela estética machadiana, teria um estilo de realismo clássico, setecentista, contido e sóbrio, próximo do conto machadiano. Essa categoria não quer dizer que Machado, ele mesmo, era naturalista. Retirada das fontes primárias pelos pesquisadores, ela sugere um modo de fazer naturalista mais recatado, menos fisiológico, negociando uma posição mais aceitável entre os escritores do grupo dominante. Na figura de Pedro Rabelo, é possível perceber que Machado de Assis não era contrário à escola naturalista como uma opção estética isolada. Ao mesmo tempo, serve para lançar novas luzes sobre os estudos no naturalismo brasileiro, marcados pela associação a uma literatura rebaixada.

Essa hipótese de um “naturalismo machadizado” proposta pelos autores mencionados acima sugere um impacto ainda mais significativo da figura de Machado de Assis como um escritor com um capital simbólico cobiçado, que merecia tentar ser copiado. Ele foi interessado por muitas formas literárias: crônica, poesia, teatro, tradução, ensaio, além é claro do conto, do romance e da crítica. E em todas essas formas, deixou contribuições importantes. Naquele contexto de formação das letras nacionais, Machado parece influenciar não apenas como a literatura deveria ser, mas também quais aspectos deveriam ser considerados pela crítica. Como um ficcionista-crítico, Machado não apenas formula um estilo ficcional próprio, mas também a função da crítica.

A ideia de um desenvolvimento gradual da obra de Machado, em que se aponta um amadurecimento literário que separa os primeiros escritos dos textos de sua fase madura, já era percebido pela crítica contemporânea, na figura de Silvio Romero e José Veríssimo. Para Montenegro, a atividade crítica de Machado “lhe teria permitido descobrir os rumos que depois tomou sua produção literária, construindo uma aprendizagem decisiva”. De modo que ao considerar essa ideia de progresso, deve-se destacar a importância da atuação de Machado como crítico literário enquanto

---

<sup>7</sup> Mendes; Dias 2017, p. 305.

fator potencializador para o desenvolvimento de sua própria técnica através de um projeto cuidadosamente pensado.

### Referências Bibliográficas

Alencar, J. de. (1921). Um poeta. Carta a Machado de Assis. In: Castro Alves. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro.

Assis, M. de. (29 de março de 1860). A crítica teatral. José de Alencar: Mãe. *Diário do Rio de Janeiro*.

Assis, M.de. (08 de outubro de 1865). O ideal do crítico. *Diário do Rio de Janeiro*.

Assis, M. de. (27 de outubro de 1895). Coluna “A Semana”. *Gazeta de Notícias*.

Granja, L. (2018). Últimas palavras. In *Machado de Assis – antes do livro, o jornal: suporte, mídia e ficção*. Editora UNESP eBooks (pp. 101–102). <https://doi.org/10.7476/9788595462816.0004>

Mendes, L.; Dias, R. A. (2017). Pedro Rabelo, escritor naturalista. *Revista SOLETRAS*, 2(34). <https://doi.org/10.12957/soletras.2017.30657>

Montenegro, P. P. (2010) Machado de Assis – O Crítico Literário. In Fiúza, Regina P. (Coord.). *Academia Cearense de Letras: Machado de Assis*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, pp. 69-74.